

EDUCAÇÃO, COMUNICAÇÃO E ARTE: A TÉCNICA TEATRAL COMO FERRAMENTA PARA A CONTAÇÃO DE HISTÓRIA NA FORMAÇÃO DO PROFESSOR EM SERGIPE.

Eixo 03 - Docência, criatividade, inovação e investigação

Viviane Kelly de Santana Britto
Ronaldo Nunes Linhares
Adeilton Santana Nogueira

RESUMO

Este trabalho traz uma revisão de literatura acerca da contação de história e a importância da mesma em sala de aula, tanto para o ensino aprendizagem das crianças, como para a formação do professor através de uma breve contextualização sobre a origem do contador de história e de como ele, mesmo que de forma diferente de quando se originou, ainda se faz presente e necessário nos dias atuais, apesar de tantas novidades tecnológicas. E finaliza descrevendo a metodologia que se pretende utilizar para que a pesquisa seja desenvolvida muito em breve, para que resultados nesse sentido possam ser documentados.

PALAVRAS-CHAVE: Teatro; contação de história; comunicação; história oral, formação de professores.

ABSTRACT

This work aims to show the need to develop a methodology based on the construction of contemporary storytelling teacher. It brings a brief contextualization about the origin of the storyteller and how it, even if in a different way, is still present and necessary in the present day, despite so many technological innovations. And it ends by describing the methodology that is intended to be used so that the research is developed very soon, so that results in this sense can be documented.

KEYWORDS: Theater; storytelling; Communication; oral history, docent formation.

1 Introdução

Esse artigo tem como objetivo fazer uma revisão de literatura sobre a importância de formar professores habilitados a contar histórias em sala de aula.

Foi feito um levantamento nas bases de dados do *Google Acadêmico* e da *SciELO* dos termos: contação de histórias nas escolas, contação de história e formação docente, e várias outras definições que pudessem responder essa questão.

Percebeu-se que não houve um trabalho sequer em específico que tratasse do assunto da forma que temos a intenção de pesquisar. Alguns trabalhos abordando a formação do Contador de Histórias e sobre a importância de inseri-lo em momento oportuno na sala de aula para agregar no ensino, principalmente das crianças em formação inicial, porém nada que se referisse diretamente a como inserir essa prática na formação dos docentes.

A ato da contação começa a ser disseminada nas escolas e bibliotecas sergipanas, embora não tenha sido encontrado material em que datasse essa prática, sabe-se que pelo menos desde 2010, quando foi o primeiro encontro de Contadores de História de Sergipe, já havia profissionais que desempenhavam essa função. Observamos que geralmente era feita sem uma formação específica, principalmente no que diz respeito aos educadores, visto que não se tem ações de formação na prática pedagógica, pois aqueles que atualmente desempenham tal tarefa o fazem por inclinação pessoal.

O contador de histórias é uma figura muito antiga, um avô ou seu ancestral, ou outro ancião, presente no imaginário de inúmeros povos e gerações ao longo da História. Contando história usando a fala como mídia natural, o som que criava, sua tonalidade, suas expressões e gestos e a paisagem local. Geralmente sem muita instrução formal, o contador era o mestre, o xamã, o sacerdote, um ser imprescindível na educação e formação de todos, responsável pela importante tarefa de perpetuar um saber cultural, também relacionado a saúde coletiva e as narrativas de histórias, ‘causos’, contos, mitos, lendas, entre outras.

Eram esses ‘sacerdotes’ que dava o tom moral, a interpretação e mensagem a ser seguida, recontando histórias antigas e elucidando as realidades desconhecidas, ou

ainda, impregnando-as de maiores mistérios, a fim de manter vivo o respeito aos antepassados e suas narrativas, assim como a esperança no que não podiam ver ou tocar.

O narrador oral, descrito acima, remonta historicamente à figura dos bardos, herdeiros do deus Hermes, responsáveis pela transmissão de histórias, lendas em forma de poemas orais e canções. Deles dependia a vitória sobre o desconhecido e a coragem de se seguir em frente, com seus heróis e um final feliz, apesar das adversidades, do desconhecido, a enfrentarem os monstros e demônios que habitavam seu imaginário.

Hoje, quando se fala de contadores de história logo imaginamos uma concorrência com as tecnologias digitais de informação e comunicação, ou que não há mais espaço para este tipo de narrativa. Tende a desaparecer na Era digital e do texto multimidiático, em que você toca na tela do smartphone e logo acessa outros textos ou assiste a vídeos e ouve música ou faz tudo isso simultaneamente, mas o recurso do qual lança mão um contador perpetua uma arte que não se extinguiu, mas se desenvolve desde a oratória desenvolvida pelo filósofo grego Aristóteles, chegando até a evocar certo tom de magia do contador, no recurso de sua voz, ao redor de lareiras noite adentro.

Como agregar valor a um professor ensinando-lhe a contar histórias? É possível formá-lo nesse sentido? Um professor contador necessariamente precisa ser um ator? De que forma a contação de história vai agregar na formação docente e de aprendizagem no espaço escolar?

2 Contextualização: do contador de história de lá ao contador de histórias em tempos digitais, não necessariamente nessa mesma ordem

Tomamos por base, inicialmente, os autores aqui denominados. Coelho (1986), livro de berço de quem ingressa na contação e por trazer diversas metodologias reproduzidas pelos contadores, que assistimos in loco, desempenhando o seu papel junto às crianças, em bibliotecas, escolas públicas e particulares.

Cavalcante (2002) é outra autora relevante, face sua aplicação do papel de contadora diretamente voltada às atividades pedagógicas, reconhecidas na literatura infanto-juvenil brasileira e internacional, partindo da poesia grega, passando pelo

imaginário medieval dos contos de fadas, além de trazer uma breve história da arte milenar dos contadores de história.

O resgate de Cavalcante (2002) desmitifica tal ofício como algo pueril ou de camadas sociais menos favorecidas. A exemplo do Vizir, Scherazade e as 1001 noites, os contos relatam o cotidiano de nobres e influentes autoridades, sobretudo figuras de relevante importância para a comunidade. Talvez para dar importância ao conto. Outrossim, podemos destacar a tradição bíblico-judaica e seus contos milenares, tardiamente escritos.

Mesmo a educação formal pode lançar mão dessa ferramenta e descobrir a tecnologia que facilita o processo de ensino-aprendizagem. Esse é um dos focos da pesquisa que pretendemos realizar com professores em formação. Stocker (2011) relaciona a contação como auxiliar na tarefa da aquisição do conhecimento e o relevante papel dos contadores no desenvolvimento do interesse das pessoas pela leitura como instrumento de educação.

Isto corrobora a história da contação, que destaca os primeiros contadores, os xamãs das cavernas pré-históricas e suas narrativas a partir das pinturas rupestres, bem como a tradição das religiões que educam, sobretudo pelas histórias de suas fundações, às quais o bom fiel as tem de cor. São tradições inicialmente orais que só tardiamente alcançou a tecnologia da pintura ou da escrita para dar-lhe eco e continuidade em outras vozes.

Outra obra de Stocker (2014) explora não mais os tipos de leitura, mas os gêneros literários na contação e algumas técnicas do uso transformador das histórias na formação do futuro leitor. O gênero se diversifica e tende a se moldar ao tipo do enredo. Sabedoria esta que deve ser respeitada por aqueles que se dispõem a simplesmente relatar um fato ou mesmo a contar uma história a um grande público.

Na verdade, quem não gosta de uma boa história? Ou quem nunca se pôs a contar, esperando a atenção primordial durante seu relato e o merecido reconhecimento ao seu final? Quem, quando criança, adolescente ou mesmo adulto não se encantou ou se encanta com uma boa história e uma história bem contada? A forma ou o estilo com que se conta interfere no interesse pelo conto e pela procura posterior de sua

continuidade. Seja na busca da verdade sobre os fatos, seja no mergulho ainda mais profundo do mundo imaginário.

Os livros e os filmes, não raro, são revisitados, pelo entusiasmo que suas histórias ressuscitam na pessoa que as acompanha, no silêncio de seus corações e mentes ou nos sons modestos de suspense e gritos de horror.

Junto a estes autores, destacamos que a história ou as origens dos contadores remonta os mitos mais antigos da humanidade. Conta-se do mito grego de Hermes que ele possuía asas nos pés para voar entre o céu e a terra relatando aos deuses e aos homens suas histórias.

Bem assim toda cultura e literatura antiga, a exemplo dos livros sagrados, foram, antes de escritos, cultura oral, transmitida e enriquecida, alegorizada, enfeitada, de geração em geração, ganhando importância e significado, tanto para quem ouvia quanto para quem contava.

Normalmente o contador está muito associado à Era Medieval, dos filmes que nos entretém na contemporaneidade. Aqueles trovadores nos castelos e suas cortes, onde se reuniam para apreciar som e enredo, naquela tradicional forma de passatempo e formação, instrução e compartilhamento das estruturas sociais mais antigas.

Desde o teatro grego se pode intuir a força de uma narrativa bem arquitetada para a transmissão de uma ideia ou lei moral para atrair o interesse do ouvinte ao espetáculo da narração, que as palavras não conseguiriam se lidas ou ouvidas no silêncio mergulhado de solidão.

Uma das mais conhecidas histórias de contadores e de seu poder em transformar o ouvinte é a de Scherazade e as 1001 Noite, como mencionado anteriormente. Esta narradora consegue se manter viva e livre, inclusive curar o vizir, com suas histórias, purificando seu coração com palavras, do desejo de vingança contra as mulheres. É justamente o que Café (2015) diz em sua tese “as oportunidades criadas pelas narrativas podem ser infinitamente variadas, despertando emoções, ampliando conhecimentos, exercitando formas de interagir e oportunizar a prática da alteridade”.

Não raro cada um de nós se depara com este recurso, em contar uma história para o interlocutor, a fim de lhe amenizar os ânimos ou relativizar, com outros exemplos, suas ideias fixas. Isto não são apenas os psicoterapeutas que o fazem. Vale

ressaltar que mesmo pessoas que não se julgam hábeis para tal feito, podem desenvolver essa habilidade.

Atualmente, muitos educadores, mesmo informais, procuram cursos, oficinas e técnicas para se capacitarem profissionalmente. Em Aracaju, já se realizou o oitavo (em 2018) encontro de Contadores de Histórias, na biblioteca infantil Aglaé Fontes de Alencar, antiga Biblioteca Pública Epifâneo Dórea, o que culminou com a criação da Academia Municipal de Contadores de História de Aracaju-SE.

A comunicação tem como fundamento fazer saber, dar notoriedade e apresentar algo de relevante ou que se queira evidenciar. Assim nascem os contadores de história, pessoas que têm algo a dizer, sobre as aventuras do passado ou do presente e até mesmo do futuro.

Desde as mais remotas personagens na pré-história, passando pelos trovadores antigos, filósofos, ministros religiosos, mestres medievais, cientistas modernos, anciãos etc., sempre houve quem se dispusesse a inserir os demais nos mistérios e saberes que conhece, empolgando e despertando interesse em pessoas desconhecidas.

Na atual Era das tecnologias digitais, a curiosidade e a busca por conhecimento encontra no espaço digital da Web sua mais aparente busca. Em meio ao dilema da continuidade do livro e da frequência nos espaços físicos da leitura dos impressos, a biblioteca, onde também se encontram outros formatos de livros ou não, uma figura se evidencia como mediação de proximidade não eletrônica, mas orgânica, viva, falante e presente, a saber, os contadores de história.

Citado desta forma, a geração dos nativos digitais, as crianças do Século XXI, a contragosto do que pensa o senso comum, expressa seu interesse pelas histórias contadas nos livros e, conseqüentemente, no mundo imaginário da oralidade, mediatizado pelo papel de seus intérpretes e tradutores populares, os contadores de história.

Dito acima, isto nos intriga, como técnicas de fora da didática do professor são utilizadas pelos alunos para lhes amparar a aprendizagem? Melhor, referimo-nos a técnicas ligadas à Comunicação e não à área específica da Educação. Cada vez mais as tecnologias da comunicação, e não apenas as eletrônicas ou digitais, mas ao conjunto de técnicas e metodologias que se somam na constituição de um ambiente de troca de

informação, onde emissor-produtor da mensagem se identifica com o próprio canal de transmissão e o destinatário-receptor interage socialmente.

A atividade dos contadores em Aracaju-SE era algo individualizado. Mas, como já foi mencionado, descobrimos que há oito anos iniciavam os encontros sergipanos de contadores de histórias, na biblioteca infantil Aglaé Fontes de Alencar, antiga Biblioteca Pública Epifâneo Dórea, dada a redescoberta de sua relevância social desses contadores para a educação das crianças e seu papel nas escolas de Aracaju, ou mesmo do Estado de Sergipe.

É a partir deste reconhecimento que se constata um crescimento na adesão das escolas a esta modalidade de estratégia de conquista de leitores e reaproximação da juventude aos livros, pela frequência e satisfação das crianças e adolescentes nos momentos de contação. Esta é uma das contribuições desta pesquisa à sociedade sergipana e à educação em si, em demonstrar o papel da contação como facilitadora da simpatia dos jovens aos livros e interesse em aprender histórias e a contá-las.

Por se tratar de um projeto experimental, esta pesquisa será, quanto a abordagem, do tipo qualitativa, onde as preocupações não estão no universo dos números e da quantidade, mas das qualidades, ou seja, das impressões, sentimentos e reações que nosso objeto causa aos sujeitos envolvidos e à sociedade em que se inscreve.

É ainda uma pesquisa que abordará o método dialético na composição de uma linha epistemológica, quanto à forma como abordamos o estudo, vez que para Pradanov; Freitas (2013) é um método de interpretação mais dinâmico e totalizante da realidade, por considerar que os fatos não podem ser tomados fora de um contexto social, político, econômico e serão utilizados conceitos das áreas de filosofia, artes, psicologia, educação, literatura, e principalmente, do teatro.

Quanto à sua natureza é uma pesquisa Aplicada, pois envolve problemas e verdades locais. Quanto aos objetivos é uma pesquisa do tipo exploratória, pois visa proporcionar mais informações sobre o assunto investigado e possui planejamento flexível.

Do ponto de vista dos procedimentos técnicos, ou seja, considerando o ambiente em que vamos desenvolvê-la é uma pesquisa do tipo Estudo de Caso, pois,

segundo Pradanov; Freitas (2013, p. 60) “O estudo de caso consiste em coletar e analisar informações sobre determinado indivíduo, uma família, um grupo ou uma comunidade, a fim de estudar aspectos variados de sua vida, de acordo com o assunto da pesquisa.”, ou seja, constitui-se em coletar, produzir e analisar informações sobre os professores em formação que serão convidados a participar das oficinas teatrais com o intuito de apresentar-lhes técnicas para que usem o recurso da contação de histórias como uma solução a mais em sala de sala gerando interesse nos alunos, para que posteriormente venham a ter interesse pela leitura, através do aguçamento da imaginação e despertar da criatividade.

Considerações Finais

Ponderando a breve contextualização sobre a história oral e a contação de narrativas, pode-se perceber que apesar de ser uma “arte” milenar, continua sendo uma forma de manter a cultura viva através da evolução e das transformações. A história colabora como o desenvolvimento do intelecto, da imaginação, da criatividade do ser humano.

O que se observa é que o contador de história contemporâneo deixou de ser aquele mestre de antigamente, e passou a ser qualquer pessoa que tenha o interesse em aprender a sê-lo. Por mais que não existam cursos específicos de contação de história aqui na nossa região, ao assistir uma contação numa biblioteca ou numa escola, até mesmo em vídeos na internet, é completamente perceptível os recursos artísticos que são desenvolvidos da formação de um ator para que passe verdade, segurança, e desperte a imaginação do espectador.

Com isso não queremos dizer que um professor precise ser ator para poder contar uma história, mas que possam utilizar das técnicas dos mesmos para despertarem a arte que habita dentro de cada um para que possam construir suas personas.

Nessa breve bibliografia pesquisada encontramos diversas dicas, conceitos e divagações acerca do que é, ou de como deve ser uma contação de história. Mas pretendemos numa futura pesquisa mostrar caminhos para que essas habilidades que são apontadas, sejam desenvolvidas pelos professores para que levem de forma agradável e

instigante para a sala de aula, despertando dessa forma o interesse dos alunos pelas histórias, pela imaginação, pela arte, pela literatura, pela vida.

Referências

AGUIAR, J. A. **A magia da arte de contar histórias**. 2ª ed. Aracaju: Info Graphics, 2013.

CAFÉ, Angela. **Os Contadores de Histórias na Contemporaneidade: da prática à teoria, em busca de princípios e fundamentos**. UNB, 2015.

CAVALCANTI, J. **Caminhos da literatura infantil e juvenil: dinâmicas e vivências na ação pedagógica**. São Paulo: Paulus, 2002.

COELHO, M. B. **Contar histórias: uma arte sem idade**. São Paulo: Edidora Ática, 1986.

STOCKER, C. **O incentivo à leitura através da arte de contar histórias**. Curitiba: Appris, 2014.

STOCKER, C. T. **Os caminhos e descaminhos da leitura na aquisição do conhecimento**. Nova Friburgo: Êxito Brasil; Niteroi: Intertexto, 2011.